

# O TEMPO PARA A LEITURA: SUBJETIVIDADE E LITERATURA INFANTIL<sup>1</sup>

*Time for reading: subjectivity and  
literature for children.*

*Liana de Camargo Leão<sup>2</sup>*

## **Resumo**

Neste artigo, discuto a importância da leitura e da leitura compartilhada para a formação da subjetividade da criança em uma época em que os indivíduos se encontram como que “consumidos” pela própria lógica do consumo.

**Palavras-chave:** Leitura; Literatura infantil; Temporalidade; Subjetividade.

## **abstract**

In this essay, I discuss the importance of reading and of shared reading in the process of the formation of the child’s subjectivity in a time where the individual is as if “consumed” by the logic of consumerism itself.

**Keywords:** Reading; Children’s literature; Temporality; Subjectivity.

No princípio era o verbo. Em grego “\_\_\_\_\_” (logos) que quer dizer palavra escrita ou falada; só a partir da filosofia de Heráclito, “\_\_\_\_\_” passou a ser razão, princípio racional. O logos grego engloba, portanto, vários sentidos: verbo, palavra, razão, e também proporção, medida, e ainda “uma história convincente, um argumento em ordem”. Porém, antes de se referir a um conhecimento do mundo, logos se refere a um pensamento interior que ganha expressão externa em palavras.

---

<sup>1</sup> Muitas idéias desse texto foram oralmente apresentadas no **Encontro Freud 150 anos – Arte do inconsciente**, na Sociedade Paranaense de Pediatria, no dia de trabalhos em torno de “Freud, as crianças e as histórias infantis”, em 04/05/2006.

<sup>2</sup> Doutora pela USP e professora da graduação e da pós-graduação da Universidade Federal do Paraná. Possui dez livros infantis publicados, entre os quais *O livro das casas*, *Diferentes: pensando conceitos e preconceitos* e *Julieta de bicicleta*. Correio eletrônico: lianaleao@hotmail.com

Portanto, retomando: no princípio, era a palavra. A palavra ainda balbuciada. A palavra da mãe em forma de gesto, como o corriqueiro gesto de trocar as fraldas. A palavra da mãe em forma de olhar: o contato visual, quente, afetivo ou frio, distante, vazado. O verbo ainda está na regência ... materna. O verbo ainda conjugado em forma de choro, no som que faz o balanço do berço, o verbo como acalanto, cantiga de ninar.

Depois, o verbo se conjuga como brincadeira vocal: as primeiras vocalizações que já têm aspecto silábico – “má”, “mu”; as reduplicações de sílabas – “ba-ba”, “ma-ma” – e as silabações já com valor de frase – “papá” – para “quero comer ...agora”.

É o mundo da linguagem, portanto, o mundo das repetições, dos refrões, das aliterações, das onomatopéias – triim, pingue-pongue, miau, tique-taque, zunzum, ploft, fonfom, piu-piu. É um mundo o qual Aristófanes (445 a.C.-386 a.C.), maior representante da comédia grega antiga, recupera em sua peça *As rãs*, onde faz uso de palavras que, no grego original, imitam o som de rãs.

E, porque a infância é um período curto, hoje ainda mais encurtado por um “adolescer” precoce das crianças, muito cedo intimadas a entrar no mundo do erotismo e do consumo, das unhas e lábios pintados, das roupas justas e insinuates, mais do que nunca é preciso recuperar a magia – a magia das rimas, das cantigas de roda, das parlendas e advinhas, dos contos de fada e da literatura.

No ouvir e contar histórias que exercitam o ouvido, histórias que não passam pela exploração visual da sexualidade como nas novelas de tevê, a criança é apresentada aos elementos básicos da narrativa e da poesia. É apresentada às estruturas de enredo tradicionais, com começo, meio e fim, ou às estruturas como a de *As Mil e uma noites*, caixas-chinesas de histórias-dentro-de-histórias; é apresentada aos finais humorísticos e abertos como quando a narrativa é interrompida abruptamente e ansiosa, a criança pergunta: “E daí?” E a resposta vem cantada: “E daí nessa confusão estourou a guerra China com Japão.”

A criança é iniciada ao mundo das metáforas: desde as mais populares e gastas, o lugar mais comum, por onde todo mundo um dia passou: o amor é uma rosa, sem dúvida. Mas rosa também é nome de mulher, é flor, é cor, é Guimarães Rosa e é também parte do amor de Julieta e seu Romeu:

Julieta: O que há num nome? O que chamamos rosa,  
Com outro nome seria igualmente doce.  
E assim, Romeu chamado de outra coisa  
Continuaria a ser sempre perfeito  
Mude o nome, Romeu, e em troca dele,  
Que não é você, fique comigo.  
(Shakespeare, *Romeu e Julieta*, ato III.)

Ou para as crianças que mais tarde frequentarão a poesia modernista “uma rosa é uma rosa, é uma rosa”, como escreveu, em 1913, Gertrude Stein.

É no período da infância que a linguagem em toda a sua força criadora e ainda não subjugada inteiramente pela gramática pode “pintar o sete”, pode “pintar o caneco”, inventando e inventariando o mundo, como quem ouve e vê e fala pela primeira vez e pode cunhar neologismos: “Mãe, tô apertada. Quero ir ao vaso **solitário**.”

Na história da literatura infantil é o vitoriano Lewis Carroll (1832-1898) – aliás, o Reverendo Charles Lutwidge Dodgson, solteirão excêntrico e tímido, de rosto assimétrico e ombros de alturas diferentes, que por quase cinquenta anos ministrou chatíssimas aulas de matemática e lógica na Universidade de Oxford –, um dos primeiros a captar e recriar poeticamente e com humor as vozes infantis que desafiam a lógica e as regras da linguagem: “Às vezes, antes do café da manhã, eu já **acreditei** em mais de seis coisas **impossíveis**.” (grifos meus). Carroll pode propor deliciosos neologismos como em “Me deram como presente de **des-aniversário**. [em inglês, “un-birthday present”.] Carroll nos deixou, entre muitos outros diálogos incríveis, este, entre o vaidoso ovo Humpty Dumpty, orgulhoso de seu nome, e a pequena Alice:

– Não fique aí falando sozinha desse jeito – Humpty Dumpty disse, olhando para ela pela primeira vez – melhor me dizer seu nome e atividade.

– Meu *nome* é Alice, mas...

– É um nome bem idiota! – interrompeu Humpty Dumpty sem paciência. – O quê significa?

– Um nome *precisa* significar alguma coisa? – Alice perguntou em dúvida.

– Claro que precisa! – Humpty Dumpty disse com um risinho – *Meu* nome significa meu formato, aliás um formato muito elegante! Com um nome como o seu, você poderia ser praticamente de qualquer formato. (*Alice através do Espelho*, Capítulo 16)

Logo na abertura de *Alice no país das maravilhas*, Carroll convida o leitor a passar ao mundo do faz-de-conta junto com a sua Alice, seguindo o Coelho Branco, que é “extraordinário”, não porque fale ou porque esteja atrasado, mas simplesmente porque carrega um relógio no bolso do colete!

Não havia nada de tão extraordinário nisso [em ver um Coelho Branco de olhos cor-de-rosa correndo apressado]; nem Alice achou assim tão esquisito ouvir o Coelho dizer consigo mesmo: “Ai, ai, ai! Vou chegar atrasado demais!” (quando pensou sobre isso, mais tarde, ocorreu-lhe que deveria ter ficado espantada, mas na hora tudo pareceu muito natural); mas quando viu o Coelho *tirar um relógio do bolso do colete* e olhar as horas, e depois sair em disparada, Alice se levantou de um pulo, porque constatou subitamente que nunca tinha visto antes um coelho com bolso de colete, nem com relógio para tirar de lá, e, ardendo de curiosidade, correu atrás

dele, ainda a tempo de vê-lo se meter a toda pressa numa grande toca de coelho debaixo da cerca.

No instante seguinte, lá estava Alice se enfiando na toca atrás dele, sem nem pensar de que jeito conseguiria sair depois.

(...)

Ou o poço era muito fundo, ou ela caía muito devagar, porque enquanto caía teve tempo de sobra para olhar a sua volta e imaginar o que iria acontecer em seguida. Primeiro, tentou olhar para baixo e ter uma idéia do que a esperava, mas estava escuro demais para se ver alguma coisa. (...) (...) (...)

Caindo, caindo, caindo. A queda não terminava *nunca!* Quantos quilômetros será que já cai até agora? – disse em voz alta. “Devo estar chegando perto do centro da Terra.” (*Alice no país das maravilhas*, Capítulo 1)

Hoje, somos todos um pouco como o Coelho Branco de Alice: atrasados, apressados, correndo atrás do tempo, um tempo que nos escapa, um tempo, que nos queixamos sempre, não nos permite ler.

### ***Falando de tempo, qual é o tempo para a leitura?***

Hoje, entre as mais frequentes queixas da mães quanto à educação dos filhos está a de que as crianças preferem os videogames, a televisão e não se interessam pela leitura. Possivelmente a ausência do livro na vida das crianças seja um reflexo direto da ausência do livro na vida dos pais. Se indagados sobre isso, os pais se desculparam e falam de falta de tempo para leitura. Certo. Ler requer tempo, requer disponibilidade, mental e emocional. E tempo é questão de prioridade.

Em uma época de excesso de informação, de oferta de produtos para todo o tipo de consumo, somos definidos como “espectadores” e “consumidores”. Aqueles que como diz a gíria não estão “podendo”, que não possuem um “celular poderoso”, esses são continuamente “diminuídos” na bolsa de valores social. E, em última análise, somos todos, eternamente diminuídos, porque o ato de “estar podendo” só se realiza no gerúndio, enquanto a ação *está ocorrendo*, enquanto a compra *está sendo efetuada*; isso talvez explique em parte o fenômeno lingüístico da “gerundização”. O que se instala hoje é uma alta rotatividade de consumo pela indústria da moda – e não apenas em relação às roupas, mas a moda do carro, do *Ipod*, dos telefones celulares, dos inúmeros *gadgets* eletrônicos que anunciam que melhor vão definir nossa subjetividade única, atual, em dia com a eletrônica... enfim, o mundo do descartável, dos objetos-símbolos que terminam por tornar refém a nossa subjetividade e criar em nós um vazio permanente.

O tempo do consumo é contínuo e nos consome. É um tempo acelerado que nos atropela: consome a nossa própria noção de identidade pessoal, nos

encolhe, nos diminui, mulheres que não são eternamente jovens; homens diminuídos porque não possuem cartões de crédito – não mais o prata, o gold, o diamond, mas o platinum... homens que não podem proporcionar .... proporcionar o quê? Hoje não há mais necessidade de objeto direto, o verbo “proporcionar” virou intransitivo.

O tempo da leitura – e o livro parece ser objeto de consumo muito caro, mesmo para quem tem cartão super-platinum-golden-plus .... – é o do recolhimento, o da introspecção, o do mergulho para dentro, o do diálogo consigo mesmo, tempo de formação do acervo pessoal, da biblioteca interna.

Freud sugere que para os organismos vivos, a proteção contra estímulos é uma função quase mais importante do que a recepção dos estímulos. A leitura é hoje uma grande proteção contra estímulos. Desenvolver a linguagem, a capacidade lingüística de expressar o pensamento e assim possibilitar a criação de uma ponte entre a experiência intelectual e a experiência emocional para poder construir linguisticamente a própria história, o próprio relato e refazê-lo a cada baque, quando a vida for nos marcando, nos torcendo. Isso me parece essencial à formação de uma subjetividade sadia, capaz de superar conflitos e igualmente de auxiliar o outro no enfrentamento e na superação de etapas. Porque desenvolver a empatia e aprender o caminho entre emoção e intelecto são dois dos efeitos colaterais mais importantes da leitura. É a leitura, e mais essencialmente, a linguagem que permite que comparemos nossas experiências de vida; nesse sentido a literatura é fundamental para que desde cedo a criança compreenda que experiências como crescer, se apaixonar como Julieta e Romeu, enfrentar dificuldades, enfim, são compartilhadas por todos que respiram.

O nosso é um tempo em que cuidar dos filhos significa, nas classes mais abastadas e, de maneiras diferentes, nas classes de renda mais baixa, delegar tarefas: delegamos o banho, a hora das refeições, o transporte até a escola, a própria educação para terceiros – babás, motoristas, serviços especializados, creches, a própria escola que deveria complementar a educação e não educar sozinha as crianças, a televisão que entretém e educa/deseduca nossos filhos. Administramos crianças, como administramos a casa, o escritório, a empresa: Terceirizamos, fazemos um *outsourcing* ou apenas um *outtasking* – esse, uma nova forma de *outsourcing* na qual não há perda de comando pois apenas certas tarefas (*tasks*) específicas são repassadas para outras empresas. Administrar é *delegar tarefas e cobrar resultados*.

Não sei se o modelo é adequado quando se trata de criança, de afeto, de leitura, de educação no mais amplo sentido da palavra. Como delegar a tarefa de compartilhar (que significa “partir o pão”) as refeições, dar o banho no bebê ou ajudar uma criança de 5 ou 6 anos a “ajeitar o banho – pegar as roupas, ajeitar a temperatura da água, verificar se não há possibilidade de a criança escorregar (é claro que a criança pode, em tese, tomar banho sozinha)?

E o que dizer da volta da escola, momento em que a crinaça conta o que mais a impressionou durante o dia? Esses são os rituais do amor, dos quais nem sempre os pais podem participar, mas que realmente valem a pena serem vividos. Pois é, afinal, por isso que trabalhamos tanto, para ter tempo de “curtir” nossos filhos, para proporcionar (verbo proporcionar aqui usado com objeto direto e indireto) aos nossos filhos um tempo bom. Será que só os professores particulares, os psicólogos, as babás, os motoristas, as cuidadoras das creches, os personagens de tevê e de videogame terão tempo de partilhar e popular a vida dos nossos filhos? Será que a principal “conversa” de uma criança será com a televisão?

A leitura, e aqui penso especificamente na “leitura compartilhada”, terminologia nova para a velha prática da leitura em voz alta e para a conversa em torno do livro, práticas que têm raízes no contar histórias, constrói com certeza pontes entre pais e filhos, pontes tanto mais sólidas quanto mais vezes forem experiências repetidas e feitas com real interesse. A leitura compartilhada com os pais desenvolve a arte da conversação em família, é momento propício para se discutir valores, se desenvolver o vocabulário e o pensamento abstrato.

Para aqueles que têm dificuldade em adentrar o mundo da leitura por desconhecimento e pouca familiaridade com este mundo, uma dica: leiam, inicialmente, o que lhes dá prazer. E busquem sempre novos sabores. Não busquem as dificuldades e os desafios da leitura; com o tempo, eles virão, naturalmente.

Há uma infinidade de obras destinadas ao público infanto-juvenil, mas não só a ele, que atende a várias idades e gostos; são livros que podem ser partilhados por pais e filhos, desde a famosa série *Harry Potter*, de Rowling até obras de cunho mais literário, com maior preocupação com linguagem, em que esta alça vôos mais altos. Cito, por exemplo, o *O Senhor do Anéis*, de Tolkien, e *As crônicas da Nárnia*, do linguista e professor de Oxford C.S. Lewis.

Não posso deixar de mencionar também autores pouco conhecidos do público brasileiro e que com certeza contribuem grandemente para iniciar qualquer criança (aqui quero enfatizar os dois termos, **iniciar** e **criança**) no mundo da literatura. Roald Dahl (1916-1990), escritor ainda pouco reconhecido da crítica literária especializada, é a melhor dica que possuo para as crianças entrarem no mundo da literatura. Entre suas obras, cito *A fantástica fábrica de chocolate*, a mais conhecida no Brasil devido à adaptação para o cinema e *Matilda*, que realiza deliciosa sátira ao sistema de educação e à cultura massificada da televisão. Dahl também escreveu contos para adultos, entre os quais um volume especialmente indicado para o público infanto-juvenil, *A incrível história de Henry Sugar e outros contos*. Mas, é produção infantil de Dahl que o consagra como um dos grandes autores britânicos do século XX especialmente voltados para crianças: se *As raposas* (1970), *O enorme crocodilo* (1978), *O maravilhoso remédio de Jorge* (1980); *O Bom Gigante Amigo* (1982), *As bruxas* (1983), *A girafa, o pelicano e eu* (1985) fossem mais conhecidos das crianças, tenho certeza de que muitas nunca mais deixariam o hábito da leitura.

Outro autor infanto-juvenil do cenário internacional do século XX que necessita ser mencionado é o francês Pierre Gripari (1925-1990); possui já traduzidos no Brasil vários contos entre os quais *Contos da rua Brocá*, *Diabo de Cabelo Branco* e *Gigante de meias vermelhas*. Dahl e Gripari são autores que com facilidade fazem as crianças (e seus pais) se apaixonarem pela literatura.

Entre os escritores brasileiros, dois nomes ainda pouco conhecidos do grande público possuem obra vigorosa: Bartolomeu Campos Queirós, de quem destaco *Indez, Ler, escrever e fazer conta de cabeça* e *O olho de vidro de meu avô*, e Paulo Venturelli, com *Anjo Rouco* e *Introdução à arte de ser menino*. É preciso enfatizar que estes autores exercem uma escrita densa, tensionada, lírica, diferente do tom humorístico e fantástico que caracteriza os escritos de Dahl e Gripari em sua produção infantil. Venturelli e Queirós são talvez melhores pontos de chegada para jovens leitores do que propriamente pontos de partida para pequenos leitores mirins ainda iniciantes no mundo da literatura. Com isso quero dizer que são autores que, pelo trabalho cuidadoso com a linguagem, com a imagística e com a temática, em geral, se dirigem para leitores mais experimentados que as crianças em suas primeiras viagens literárias. Os universos lingüísticos e temáticos de Venturelli e Queirós questionam a própria existência das especificidades das chamadas “literatura infantil” e “infanto-juvenil”: será que não haveria apenas um só grande espaço literário?

Ainda uma pequena observação: não descartemos o gosto em formação dos pequenos, como tantas vezes pai, professores e bibliotecários o fazem, sem cerimônia. Um exemplo atual de literatura demonizada é a coleção *Capitão cueca*, desqualificada por bibliotecárias, professores e pais preocupados com a “qualidade literária” do que os pequenos lêem. Do ponto de vista lingüístico e temático, o autor de *Capitão Cueca*, Dav Pilkey, é um ótimo estilista: utiliza-se de recursos narrativos e formais bastante complexos, entre os quais a paródia e a sátira ao mundo da escola e suas regras, à influência da televisão, ao universo do consumo, e à própria idéia do super-herói – o grande herói da história de Pilkey é o diretor da escola, que hipnotizado por dois alunos se livra de sua habitual peruca e se transforma no Capitão Cueca, um super-herói que se veste apenas com cuecas e uma capinha (a cortina de sua sala) e sai pelo mundo salvando as pessoas do perigo. Entre os recursos que Pilkey utiliza, há, por exemplo, o tempo duplo: a narrativa principal é entremeadada por intervalos comerciais inseridos na história, de modo a criar dois tempos com os quais o leitor precisa lidar – o tempo fora do livro e o tempo no interior da narrativa.

Se até aqui ainda não os persuadi da importância de contar histórias, de partilhar o pão e o riso da literatura com as crianças, deixo para Platão, na voz de Sócrates em diálogo com Adimanto, essa tarefa: “Então, como se contássemos uma fábula para nos entreter, façamos com palavras a educação

desses homens. Em seguida, convenceremos as amas e as mães a contarem aos filhos as que tivermos escolhido e a modelarem-lhes a alma com as suas fábulas muito mais do que com o corpo com as suas mãos.” (*A República*, Livro II)

## **Referências**

- ARISTÓFANES. **As vespas, as aves, as rãs**. Tradução do grego de Mário da Gama Kury. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar, 2004. (Coleção comédia grega).
- CARROLL, Lewis. **Alice**. Edição comentada. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar, 2001.
- FREUD, SIGMUND. **Fixação em traumas**: o inconsciente. Conferência XVIII. Rio de Janeiro, RJ: Imago 2006. (Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. 16).
- LEWIS, C. S. **As crônicas da Nárnia**. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2005
- PILKEY, Dav. **Capitão Cueca**. São Paulo, SP: Cosac Naif, 2005.
- PLATÃO. **A República**. Martin Claret, 2000. Livro II
- QUEIRÓS, Bartolomeu Campos. **Indez**. São Paulo, SP: Global, 2000.
- \_\_\_\_\_. **Ler, escrever, fazer conta de cabeça**. São Paulo, SP: Global, 2004.
- \_\_\_\_\_. **O olho de vidro do meu avô**. São Paulo, SP: Moderna, 2004.
- ROWLING, J. K. **Harry Potter e a pedra filosofal**. Rio de Janeiro, RJ: Rocco, 2000.
- TOLKIEN, J. R. R. **O senhor dos anéis**. Rio de Janeiro, RJ: Martins Fontes, 2001.
- VENTURELLI, Paulo. **Anjo Rouco**. Curitiba: Braga, 1996.
- \_\_\_\_\_. **No vale dos sentidos**. São Paulo, SP: Editora do Brasil
- \_\_\_\_\_. **Introdução à arte de ser menino**. Curitiba: Braga, 1996
- SHAKESPEARE, William. **Romeu e Julieta**. Tradução de Barbara Heliodora. Rio de Janeiro, RJ: Lacerda, 2004.

Recebido em: 13 de setembro de 2006.  
Aprovado em: 07 de novembro de 2006.